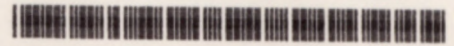


MONTEIRO, Léa Ziggiatti. A popularidade impretendida: Sete Capotes.
Correio Popular, Campinas, [s.d.].

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030611

SETE CAPOTES,



MONTEIRO, Léa Ziggiatti. A popularidade impretendida. Campinas, [s.d.].

Correio Popular,

A POPULARIDADE IMPRETENDIDA

São apenas como são... E são raros. Eles marcam bem mais na infância. Na saída da escola, o homem que pregava, a mulher que se enfeitava, o motorneiro que contava piadas eram para nós uma forma de auto-afirmação. Experimentávamos neles, através da ironia, o nosso senso de humor. Testávamos nossa coragem, na frente de todos, enfrentando palavrões dos atingidos. Não existe infância sem tipos populares. A medida que crescemos eles vão se apagando. É que a nossa sensibilidade também se anuvia. A nossa receptividade do pitoresco, do humano, do ridículo, se esvai com a infância. Fica apenas a noção do trágico. A nossa expressão diante dos tipos populares é imprecisa e vaga: — São uns coitados. Mas, reparem. A sua popularidade, em geral, não é imerecida. Mas sim impretendida... O tipo popular não busca a sua popularidade. Ela é inerente ao seu modo de ser, ao seu modo de vestir ou de falar e, mais importante que tudo isso, à sua inconsciente penetração na sociedade. Uma penetração não procurada. Que vem do seu "ser diferente".

O motivo e a inspiração não é minha. J. Pompeu veio com jeito humilde mostrar o retrato que fez de Zé Trovão. Achei lindo. Zé Trovão foi tipo popular da minha infância, conhecido muito mais pela imitação que dêle fazia um cômodo de sucesso na época. Disse ter mais. Uma galeria inteira de tipos populares. Desenhados a lápis, trabalhados a crayon ou pintados a óleo. Falou da Gilda e aí meu coração se dilatou. Amor antigo. Depois teve mais. A descoberta de um livrinho lindo, reunindo reportagens sentimentais de João Lanaro — Tipos Populares.

Tudo isso foi a conta. Para arranjar assunto no domingo e reviver e despertar, a minha e a sensibilidade dos outros, para a ternura mais ou menos trágica que encerra um tipo popular. Cada um deles. Dando uma lição de humanidade. A sua figura pesada ou grotesca nas ruas da cidade faz com que paremos um pouco. Na nossa pressa a gente só vê gente. E não vê ninguém. Não percebe o vulto frágil e incerto, delinea contornos sem enxergar a profundidade dos traços ou a cor exata dos olhos. E Campinas faz desfile. Fêz desfile. Arranja poetas e arranja profetas... Não encontro infelicidade neles. Mas uma fuga de viver. A cozinheira que sonha ser artista de cinema e que vive artista de cinema ao invés de assistir novelas tôdas as tardes. Todos nós precisamos de uma fuga. Mas a nossa fuga é rápida e dura apenas uns minutos no cair da tarde. Tipo popular é o homem que prolonga a sua fuga pela vida inteira.



MONTEIRO, Léa Ziggiatti. A popularidade impretendida: Zé Trovão.
Correio Popular, Campinas, [s.d.]:

ZÉ TROVÃO,

atarracado e escuro, foi talvez um dos mais populares do passado. Não só pelo rouco de sua voz que lhe deu o nome, mas pela sua necessidade de poesia. Tentou cantar... Na sua voz rouca e grave, no seu físico sem vantagens, Zé Trovão participou de programas de calouros, foi vaiado e julgado. Desistiu do canto para tocar flautinha. Que le vava pelas ruas, livre, livre, numa ânsia absurda de comunicação. Depois, foi a poesia. Que atacou de pronto, escrevendo sempre, com ou sem inspiração, em papel de embrulho, atrás de notas fiscais, para resolver-se num livro que ele chamou de "Zé Trovão na atualidade", com poesias de pé quebrado, mas que resumiam a sua necessidade de realização... Depois, descrédito da música e da poesia. Mas Zé Trovão a criar ainda... Em trabalhos de agulha, em toalhinhas de crochê. A par disso, imaginação trabalhando sempre, o Carnaval, a sua fuga mais séria de todos os anos, com fantasias trabalhadas, em que a originalidade fazia duvidar da propalada loucura e do pseudo-ridículo. Zé Trovão foi noiva e foi galo, impondo a sua personalidade grotesca através dessa imensa facilidade de criar...

Dois outros, que o livro de João Lanaro faz lembrar, é pouco o que me resta: Dito Colarinho, Sete Capotes, Trinta e Dois...

Ah, trinta e dois... Figura indispensável na saída do Ginásio, quando todo o mundo se pendurava no Bonde 9... Nada escapava à sua astuciosa observação. Trinta e dois farejava namôros, ajudava namôros:

— Sabe, aquêlo môço já pagou...

Nem sempre verdade... Trinta e dois gostava de dar empurrãozinho... Nada de mau humor. Era palhaço por livre e espontânea vontade. Piscava malicioso. Todos os dias eram o seu dia...

Depois, Mané... E Mané atravessou minha adolescência tôda falando "ó". Só para moças... Moça passou de uma certa idade, Mané começa a ignorar. Mêdo de moça solteira, que conhece a tradição, é de que Mané não fale mais "ó". Indício certo de velhice.

Mas a história de Campinas falará sempre de Gilda. Gilda, caricaturando o eterno feminino, vaidade de aparecer com tôdas as "últimas modas". 1. Gilda ternura, evocando uma vida gloriosa. Que começou talvez quando alisava os cabelos longos... Dizem que Gilda tem filhos, família, marido... Não sei. Mas Gilda teve apogeu de chapéus e de penteados. Revolta contra os meninos caçoando dela, querendo ouvir vida falsa dos Estados Unidos. Gilda, de sonhos de grandeza, parece que sumiu. Apagou, que nem verdadeira estrela de cinema que também conhecem seus crepúsculos. Até nisso Gilda foi coerente. E humana.

MONTEIRO, José Augusto. A personalidade empreendedora: São Paulo.
Correio Editora, Companhia, S.A.:

